

Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável

Setembro 2024



Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável

Setembro 2024

AMAZON
CONCERTATION



instituto
arapyaú



FEBRABAN



alana 



FDC FUNDAÇÃO
DOM CABRAL



Inspêr **AGRO GLOBAL**
Global Agribusiness Center



CEBRI
CENTRO BRASILEIRO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS



Sobre

Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável

Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável apresenta os resultados de uma análise pioneira do cenário atual e futuro da interação entre finanças e bioeconomia.

O contexto principal é o papel fundamental que a bioeconomia precisa desempenhar na formação de uma economia global equitativa, positiva para a natureza e de baixo carbono.

O contexto institucional do *Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável* é a liderança do Brasil no estabelecimento da Iniciativa de Bioeconomia do G20 em sua presidência do bloco - e idealmente a continuidade da mesma na presidência da África do Sul do G20, bem como a priorização das finanças e da bioeconomia pela presidência colombiana da próxima Conferência das Partes da Convenção sobre Diversidade Biológica (COP16) e o lugar da bioeconomia na construção de uma ação colaborativa internacional sobre o clima, com base na Conferência das Partes sobre Mudanças Climáticas sob a presidência brasileira em 2025 (COP30).

Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável é o produto inicial de uma colaboração entre a NatureFinance e o Fórum Mundial de Bioeconomia. Ele se baseia no extenso trabalho de ambas as organizações e na riqueza de conhecimento e experiência prática de muitos de seus parceiros.

Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável parte de duas contribuições para a presidência brasileira do G20: A Bioeconomia Global – Levantamento Preliminar das Estratégias e Práticas do G20, produzido pela NatureFinance e pelo Centro de Estudos de Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas em nome de um grupo de vinte organizações e coalizões civis e empresariais brasileiras, e os Princípios de Alto Nível sobre Bioeconomia do G20 – um Roteiro para a Ação. O estudo também se baseia no relatório final da Força-Tarefa sobre Mercados de Natureza, Colocando os Mercados de Natureza para Funcionar, lançado na Cúpula da Amazônia em Belém, Brasil, em agosto de 2023.

Esses materiais podem ser baixados em:

<https://www.naturefinance.net/resources-tools/>

<https://www.naturemarkets.net/publications>

<https://wcbef.com/online-store/>

Sobre NATURE FINANCE

A NatureFinance é uma organização internacional sem fins lucrativos, sediada na Suíça, dedicada a alinhar as finanças globais a resultados mais equitativos e positivos para a natureza.

Trabalhamos para garantir que as finanças globais e a economia global levem a natureza em conta. A NatureFinance atua no avanço do uso de dados para divulgar e gerenciar riscos relacionados à natureza, desenvolvendo mercados de natureza equitativos e de impacto, promovendo a inovação financeira nas áreas de dívida soberana e investimento positivo para a natureza. Desenvolvemos ferramentas para ajudar os agentes financeiros a melhor avaliar e alinhar seus investimentos com resultados positivos para a natureza, e pressionar por maiores custos e consequências nos casos em que as finanças não estejam conseguindo lidar com os passivos da natureza.

O que fazemos?

O trabalho do NatureFinance se fundamenta em quatro caminhos transversais para o impacto:



Política e regulação: trabalhamos para moldar estruturas que possibilitem o financiamento da natureza e mercados equitativos e positivos para a natureza.



Desenvolvimento de mercado: trabalhamos para criar um ecossistema de empreendimentos relacionados à natureza com potencial de investimento e capaz de moldar mercados positivos para a natureza.



Engajamento e advocacy: trabalhamos para criar coalizões de práticas, engajamento público, e comunicação, apoiando o desenvolvimento e as ações da sociedade civil em torno do alinhamento das finanças com resultados equitativos e positivos para a natureza.



Atividades de inovação e incubação: trabalhamos para acelerar os resultados positivos para a natureza em escala por meio da disseminação e do apoio a novas iniciativas, como o Sustainability-Linked Sovereign Debt Hub (SSDH).

Informações adicionais sobre o trabalho do NatureFinance podem ser consultadas em www.naturefinance.net



Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 International. Para visualizar uma cópia dessa licença, acesse: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>



Nosso uso de imagens da sequência de Fibonacci é inspirado pela associação dessa proporção única com a manutenção do equilíbrio e sua aparição em todos os lugares da natureza, desde a disposição das folhas em um caule até os átomos, samambaias que se desenrolam, furacões e corpos celestes.

Sobre



O Fórum Mundial de Bioeconomia é uma plataforma global dedicada a reunir as partes interessadas em bioeconomia circular com intuito de compartilhar ideias e promover soluções de base biológica. Nosso foco abrange visões sobre biorrecursos, biotecnologia e bioecologia, fomentando um ambiente colaborativo para a inovação sustentável.

NOSSO COMPROMISSO

Estamos muito comprometidos com a sustentabilidade em todos os aspectos do nosso trabalho e acreditamos com firmeza na realidade das mudanças climáticas. Reconhecendo que em bioeconomia não há uma abordagem única que funcione para todos, utilizamos o modelo de Estrutura de Quatro Pilares para avaliar e fazer avançar o status da bioeconomia circular.

A ESTRUTURA DOS QUATRO PILARES

Nossas operações e atividades são baseadas na Estrutura dos Quatro Pilares, que oferece um modelo abrangente para nossas iniciativas



A Bioeconomia:
Pessoas, Planeta, Políticas



Líderes Corporativos
e o Mundo Financeiro



Bioprodutos ao Nosso Redor



Olhando para o Futuro

Essa estrutura nos permite avaliar e impulsionar, de forma eficaz, o progresso de todo o setor da bioeconomia. Ao promover esses pilares, pretendemos facilitar o desenvolvimento holístico e impactante da bioeconomia, contribuindo para a mitigação das mudanças climáticas e alavancando um futuro sustentável.

Informações adicionais sobre o trabalho do Fórum Mundial de Bioeconomia podem ser obtidas em <https://wcbef.com/>

Prefácio

Em 2024, o Brasil embarcou em uma iniciativa inédita para impulsionar o desenvolvimento sustentável, a inclusão social, o combate às mudanças climáticas e a geração de emprego nas discussões financeiras internacionais.

Motivado pelo potencial da bioeconomia de alavancar a economia para um caminho sustentável que integra a natureza ao desenvolvimento econômico, o Brasil apresentou a Iniciativa de Bioeconomia do G20 (GIB) como um dos pilares de sua presidência no bloco. Estamos convencidos de que a bioeconomia é uma ruptura com a economia linear, colocando-se como um novo paradigma produtivo que olha para ciência, tecnologia, inovação e conhecimento tradicional com o mesmo respeito.

Sugerimos aos nossos parceiros no G20 uma metodologia que prioriza o diálogo e a troca de experiências. Entendemos logo no início que para destravar todo o potencial da bioeconomia são necessárias estruturas robustas de política pública e extensa cooperação internacional. Hoje, os países-membros do G20 estão discutindo ativamente e buscando convergências em torno dos Princípios de Alto Nível para a Bioeconomia que mudarão a forma como entendemos e nos relacionamos com o crescimento econômico, proteção do meio ambiente e equidade.

O estudo ***Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável***, proposto pelo Brasil em apoio ao debate, contribui para o avanço da economia global ao passar por questões relevantes como: Qual o tamanho da bioeconomia? Quais são as inovações no financiamento da bioeconomia? Quais são os obstáculos e como superá-los? Como promover a prosperidade e, ao mesmo tempo, garantir a equidade e a integridade ambiental? Esses são alguns dos aspectos examinados pelo estudo, que encoraja novos debates, pesquisas e engajamento por parte dos governos, academia, setor privado e sociedade civil. Compreender o papel das finanças e os instrumentos disponíveis para estimular a bioeconomia é fundamental para impulsionar uma bioeconomia positiva para clima, natureza e pessoas.

A Presidência Brasileira do G20 estende seu profundo agradecimento ao grupo das 22 organizações que tem contribuído ativamente para a Iniciativa de Bioeconomia. As organizações são: CDP Latin America, Centro Brasileiro de Relações Internacionais (CEBRI), Climate Policy Initiative (CPI), Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura, Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS), Conservação Internacional (CI), Consórcio Interestadual de Desenvolvimento Sustentável da Amazônia Legal, Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN), Fundação Dom Cabral (FDC), Fundação Getúlio Vargas (FGV), Indústria Brasileira de Árvores (IBÁ), Insper Agro Global, Instituto Alana, Instituto Arapyaú, Instituto Clima e Sociedade (iCS), Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), Instituto Igarapé, Natura&Co, NatureFinance, Rede Uma Concertação pela Amazônia, The Nature Conservancy (TNC) e World Wide Fund for Nature (WWF). Esse grupo forneceu análises valiosas e disseminou o trabalho da GIB em diversos debates públicos, artigos na imprensa e pesquisa ao longo de todo o processo.

O documento ***Financiando uma Bioeconomia Global Sustentável*** é uma contribuição valiosa que merece ser circulada e amplamente conhecida, a fim de enriquecer o debate global sobre a bioeconomia.

Embaixador André Corrêa do Lago

Vice-Ministro de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e Co-líder da Iniciativa de Bioeconomia do G20.

Sumário Executivo

A bioeconomia global é fundamental na transição para uma economia mais equitativa, de baixo carbono, resiliente ao clima e positiva para a natureza. O mundo em transformação está redefinindo nossa percepção de como uma bioeconomia equitativa e sustentável pode, de fato, desempenhar um papel central no desenvolvimento sustentável. A ascensão das clean techs tem oferecido um caminho viável, especialmente para a descarbonização. Já a bioeconomia oferece uma base complementar por meio da qual podemos garantir o uso equitativo e sustentável da natureza, em particular da biodiversidade - pré-condição de uma transição justa para o desenvolvimento sustentável.

É necessário transformar em prática a ideia de uma bioeconomia equitativa e sustentável. Em essência, trata-se de como usamos recursos biológicos de formas sustentáveis para avançar uma economia equitativa global. A bioeconomia detém valor cultural e um imenso potencial econômico para criação de empregos e crescimento econômico. Além desse potencial quantitativo, os esforços devem apoiar o desenvolvimento de sociobioeconomias que sejam localizadas e sustentem a diversidade cultural, representada pelo papel dos povos indígenas e das comunidades locais, incluindo agricultores, na governança da biodiversidade mundial.

A bioeconomia global é fundamental na transição para uma economia mais equitativa, de baixo carbono, resiliente ao clima e positiva para a natureza. O mundo em transformação está redefinindo nossa percepção de como uma bioeconomia equitativa e sustentável pode, de fato, desempenhar um papel central no desenvolvimento sustentável.

A bioeconomia já é grande e cresce rapidamente. Em termos globais, estima-se que o valor da bioeconomia seja de US\$ 4-5 trilhões, com potencial de chegar a US\$ 30 trilhões até 2050. Apesar das significativas lacunas e fragilidades dos dados, há evidências de que os principais motores de crescimento sejam as preocupações sobre o clima, o meio ambiente e a saúde - cada vez mais incorporadas nas preferências do mercado e no desenvolvimento de marcos regulatórios. Estratégias nacionais e regionais de bioeconomia de países como Namíbia e África do Sul, México e Brasil, passando por Índia, China e Japão, além de UE e EUA, sinalizam os compromissos dos governos em aproveitar esse potencial.

A bioeconomia deve ser imaginada, desenvolvida, governada – e financiada - coletivamente. Ela é formada por uma gama de empresas e mercados de base biológica, que abrange desde sociobioeconomias locais e regionais até negócios, setores e economias que combinam biodiversidade e tecnologias – de produtos bioquímicos e bioplásticos a diversas aplicações de biogenética.

É essencial que esse espectro seja considerado como um todo. Afinal, todos nós compartilhamos os mesmos recursos de biodiversidade que devem servir a muitos propósitos. De comum acordo, precisamos chegar a uma abordagem para gerenciar onexo entre prioridades econômicas e de subsistência e uma biodiversidade cada vez mais frágil.

A bioeconomia deve ser imaginada, desenvolvida, governada e financiada coletivamente. Ela é formada por uma gama de empresas e mercados de base biológica, que abrange desde sociobioeconomias locais e regionais até negócios, setores e economias que combinam biodiversidade e tecnologias – de produtos bioquímicos e bioplásticos até diversas aplicações de biogenética.

Por meio do G20, o Brasil elevou o nível das discussões políticas ao incentivar a cooperação internacional para promover uma bioeconomia equitativa e sustentável. A Iniciativa de Bioeconomia do G20 é uma demonstração exemplar da importância da ação coletiva. Ela estimula a convergência de entendimentos em torno de um conjunto de princípios de alto nível, os quais podem subsidiar a formulação de políticas públicas e o desenvolvimento de mercado. Tais princípios se concentram em aspectos normativos, como equidade social, meios de subsistência e prosperidade sustentável, e na necessidade de a bioeconomia abordar metas de natureza e clima. Também destacam a importância de fundamentar a bioeconomia em ciência de qualidade e possibilitar contabilidade e métricas comuns, além de regras comerciais, acordos e fluxos financeiros.

Os desafios para o financiamento da bioeconomia não são desprezíveis e têm origens diversas. Por exemplo, o interesse do investidor privado na sociobioeconomia pode ser diminuído pela escala limitada e pelos direitos comerciais restritos sobre os conhecimentos tradicionais. As empresas de bioeconomia intensiva em recursos naturais, como as que atuam com bioprodutos certificados, incluindo alimentos, produtos químicos e plásticos, enfrentam condições de mercado desfavoráveis, muitas vezes agravadas por perversos subsídios ambientais e ao uso de combustíveis fósseis. Por fim, a bioeconomia de alta tecnologia, sobretudo em negócios em estágio inicial, frequentemente precisa de capital de risco, por vezes combinado com financiamento público. Esse tipo de funding está disponível em poucas partes do mundo, restringindo investimentos em muitas áreas do Sul Global.

Não agir de forma coletiva e ambiciosa para desenvolver uma bioeconomia equitativa e sustentável como peça central da economia global levará à destruição contínua da natureza e impactos negativos no clima e na equidade social.

Por outro lado, diante da diversidade de instrumentos financeiros já existentes, o financiamento da bioeconomia é totalmente possível. Além dos canais convencionais de financiamento comercial, há uma série de instrumentos de "finanças sustentáveis" já criados que podem ser utilizados no financiamento da bioeconomia. Créditos de natureza, por exemplo, incluindo créditos de carbono e de biodiversidade, podem aumentar receitas e garantir segurança de renda a longo prazo, reduzindo riscos e custo de capital.

Da mesma forma, os instrumentos de financiamento vinculados à sustentabilidade, especialmente nos mercados de dívida corporativa e soberana, podem reduzir ainda mais o custo do capital, atraindo tanto os investidores de impacto quanto aqueles que apostam no potencial dos bioprodutos nos mercados do futuro, mais focados na sustentabilidade. Combinados, os instrumentos público-privados têm um papel importante a desempenhar, destacando a importância das instituições financeiras de desenvolvimento no avanço da bioeconomia em países de baixa e média renda.

O financiamento da bioeconomia é totalmente possível, com base em uma grande variedade de instrumentos financeiros existentes. Além dos canais convencionais de financiamento comercial, há uma série de instrumentos de “finanças sustentáveis” que podem ser utilizados no financiamento da bioeconomia.

Os investidores se sentirão mais atraídos pela bioeconomia onde governos e órgãos regionais tiverem implementado estratégias integradas de bioeconomia combinadas com planos factíveis. Em contrapartida, tem menos chances de darem certo os fundos isolados de bioeconomia, as estratégias de alto nível de bioeconomia sem adesão do mercado ou sem capacidade de execução, e o apoio público a novos negócios e setores de bioeconomia que não estejam vinculados a uma política comercial favorável. É necessária uma abordagem “integrada” que, por exemplo, conecte o desenvolvimento de empresas e mercados com o aumento da conscientização, infraestrutura adequada e acordos fiscais favoráveis, além de instituições de educação e pesquisa, e recursos.

As estratégias e ações nacionais e regionais devem ser complementadas pela cooperação internacional, que é essencial para ampliar os impactos positivos da bioeconomia e mitigar seus riscos. Embora as ações nacionais e regionais sejam essenciais, e estejam cada vez mais sofisticadas e comuns, elas devem ser complementadas por esforços globais para garantir uma bioeconomia sustentável e equitativa. As prioridades a seguir são fundamentais para esse esforço:

1

PRINCÍPIOS

Não podemos nos dar ao luxo de permitir o surgimento de uma bioeconomia predatória – é necessário convergir em relação aos resultados de interesse público com os quais a bioeconomia precisa se alinhar, como propõem os princípios de alto nível promovidos pelo G20 sob a presidência do Brasil.

2

MÉTRICAS DE PROGRESSO

A falta de padrões universais de avaliação e de dados relacionados dificulta a mensuração ou, mais importante, o direcionamento da evolução. Não se trata apenas de medir amplitude e tamanho, mas de garantir um “sistema operacional” comum, com base na ciência da contabilidade do capital natural e da construção por meio da mensuração financeira para a avaliação de ativos e decisões de investimento.

3

ESTRATÉGIAS E PLANOS

Estratégias e planos, incluindo as principais estratégias econômicas e industriais. Em muitos casos, essas estratégias estão vinculadas ao desenvolvimento e à aplicação dos direitos de posse da terra e de outros mecanismos para garantir direitos, funções e recompensas aos chamados guardiões da natureza, principalmente povos indígenas e comunidades locais, incluindo pequenos agricultores.

4

FINANCIAMENTO

Princípios, medições, estratégias e condições de negociação precisam ser incorporados a uma série de instrumentos de financiamento já existentes, aumentando a conscientização dos investidores, mitigando riscos e abrindo caminho para uma colaboração eficaz, em combinação com ações para reduzir, compensar ou redirecionar perversos subsídios ambientais e aos combustíveis fósseis.

5

PRECIFICANDO A NATUREZA

O interesse dos investidores na bioeconomia sustentável vai crescer conforme se acelerem os esforços já em andamento para aumentar o valor da natureza na economia global, por meio de uma análise de risco aprimorada, precificação mais clara e desenvolvimento de arcabouços regulatórios, incluindo ação de reguladores financeiros, como a aplicação de regras aperfeiçoadas para combater a lavagem de dinheiro e lidar com crimes contra a natureza.

6

REGRAS COMERCIAIS

É menos provável que o financiamento ocorra sem regras eficazes de comércio e investimento associado que incentivem o comércio alinhado aos princípios relacionados à bioeconomia. Isso pode e deve ser melhorado em acordos regionais, bilaterais e internacionais, com a necessidade associada de tratar os efeitos distorcivos dos subsídios perversos, bem como os subsídios industriais, que podem dificultar que países de baixa e média renda subam na cadeia de valor da bioeconomia.

7

CONHECIMENTO E CAPACIDADES

É necessário avançar na análise sistemática e acesso a dados para corroborar o desenvolvimento de estratégias e planos robustos de bioeconomia a fim de fornecer aos investidores as informações necessárias para apoiar as decisões de aporte de recursos.

É importante uma coordenação mais ampla de políticas internacionais para garantir esforços oportunos e eficazes. O G20 é a plataforma mais óbvia para assumir o papel de coordenação internacional, dada sua cobertura temática, poder de convocação e influência estratégica. O Brasil iniciou essa jornada durante sua presidência e há um forte argumento para estender esses esforços para as futuras presidências do G20, especialmente a da África do Sul, em 2025, e a dos EUA, em 2026. Além disso, é imperativo que a necessidade de expansão da bioeconomia equitativa e sustentável seja abordada nas deliberações de outras plataformas regionais e internacionais importantes, incluindo a Convenção das Nações Unidas sobre Diversidade Biológica (CBD) e a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC). A próxima COP16 da CBD, na Colômbia, e a COP30 da UNFCCC, no Brasil, em 2025, oferecem oportunidades bastante favoráveis a esse importante tópico.